

A INFLUÊNCIA DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO NAS ELEIÇÕES DE BRASIL E URUGUAI (2018-2020)

THE INFLUENCE OF CONTEMPORARY POPULISM IN BRAZIL AND URUGUAY ELECTIONS (2018-2020)

LA INFLUENCIA DEL POPULISMO CONTEMPORÂNEO EN LAS ELECCIONES DE BRASIL Y URUGUAY (2018-2020)

Samuel Decresci¹

Resumo: O fenômeno do populismo contemporâneo de extrema direita emerge como reação em um cenário global em que o espaço social e o tempo histórico apresentam tendências aceleradas e contraditórias. Brasil e Uruguai, mesmo na periferia global, são países que manifestam suas reações a partir de versões de populismos de extrema direita com Jair Bolsonaro e Guido M. Ríos, políticos oriundos do universo militar. É intenção deste estudo e análise entender tais fenômenos na perspectiva global e fazer uma relação com as manifestações populistas nos dois países sul-americanos selecionados, no contexto das eleições nacionais de 2018-2019. Para tal empreitada, valeu-se de uma bibliografia de apoio para a parte teórica e de artigos acadêmicos, artigos de opinião, dados e matérias de jornais para os casos em destaque (eleições de Brasil e Uruguai).

Palavras-chave: Espaço social; Tempo histórico; Populismo; Partidos; Brasil; Uruguai.

Abstract: The phenomenon of contemporary extreme right-wing populism emerges as a reaction in a global scenario in which social space and historical time present accelerated and contradictory trends. Brazil and Uruguay, even in the global periphery, are countries that manifest their reactions based on versions of right-wing populisms with Jair Bolsonaro and Guido M. Ríos, politicians from the military universe. The intention of this study and analysis is to understand these phenomena from a global perspective and to make a relationship with the populist demonstrations in the two selected South American countries, in the context of the 2018-2019 national elections. For this undertaking, a bibliography was used to support the theoretical part and academic articles, opinion articles, data and newspaper articles for the highlighted cases (elections in Brazil and Uruguay).

Keywords: Social space; Historical time; Populism; Parties; Brazil; Uruguay.

Resumen: El fenómeno del populismo de extrema derecha contemporáneo surge como reacción en un escenario global en el que el espacio social y el tiempo histórico presentan tendencias aceleradas y contradictorias. Brasil y Uruguay, incluso en la periferia global, son países que manifiestan sus reacciones a partir de versiones de populismos de extrema derecha con Jair Bolsonaro y Guido M. Ríos, políticos del universo militar. La intención de este estudio y análisis es comprender estos fenómenos desde una perspectiva global y relacionar

¹ Doutorando, Mestre e Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: samuel.decresci@unesp.br

con las manifestaciones populistas en los dos países sudamericanos seleccionados, en el contexto de las elecciones nacionales 2018-2019. Para este emprendimiento, se utilizó una bibliografía para sustentar la parte teórica y artículos académicos, artículos de opinión, datos y artículos periodísticos para los casos destacados (elecciones en Brasil y Uruguay).

Palabras-clave: Espacio social; Tiempo histórico; Populismo; Partidos; Brasil; Uruguay.

INTRODUÇÃO

Diante de um cenário de instabilidade nacional e internacional, com as instituições democráticas em crise, a proposta deste trabalho objetiva trabalhar, ao mesmo tempo, o espaço geográfico social e o tempo histórico na era global, condições objetivas, com a emergência do populismo contemporâneo. Destaca-se que o enfoque não será o mundo desenvolvido do “norte”, mas sim dois países da periferia global “sul”: Brasil e Uruguai. Obviamente, levou-se em conta que os fenômenos não se reproduzem *ipsis litteris* nos diferentes lugares: cada país tem suas especificidades e peculiaridades. Ademais, é importante lembrar que os países sul-americanos citados não apresentam trajetórias históricas e desenvolvimento (social, econômico e político) semelhantes aos do mundo desenvolvido. Entretanto, réplicas de populismo despontaram nesta parte ao sul do hemisfério ocidental e contribuem para o fenômeno em uma escala macro.

SOBRE O ESPAÇO SOCIAL E O TEMPO HISTÓRICO NA ERA GLOBAL

A compreensão do espaço social e o tempo histórico na era global contemporânea passa por entender, de um lado, o que representa na sua totalidade o fenômeno da globalização e de outro, atrelada a ela, as implicações e mudanças sociais do constante incremento de tecnologias (que proporcionam revoluções nas comunicações, produção e transportes) nas diferentes perspectivas de vida – em meio ao que está a importante, mas implícita, atuação dos atores econômicos e políticos, fundamentais para a produção desse tipo de espaço geográfico.

Antes de tudo, devemos entender que a globalização é essencialmente ruptura, uma ausência de limites, uma força ou movimento que colabora com a deformação das geometrias políticas desenvolvidas na era moderna em que os Estados nacionais exerciam influência e controle sobre as economias nacionais. Logo, tem-se como implicação um processo político que rompeu (e rompe) os limites contidos nos Estados nacionais, viabilizando um declínio do espaço local, regional, nacional (que influenciava o modo de pensar, a identidade pessoal,

coletiva, o modo de agir, os relacionamentos das pessoas) e a emergência de uma espécie de padrão cultural global (GALLI, 2002).

Mas quem são as forças ou sujeitos capazes de autodeterminar-se dentro do processo global? Enquanto se observa, de um lado, um enfraquecimento dos atores políticos dentro dos Estados nacionais, por outro, sujeitos de relevância e caráter globais ganham importância no processo e contexto, notadamente as empresas transnacionais, investidores financeiros, fóruns como Davos, União Europeia, Fundo Monetário Internacional, Organização Internacional do Trabalho, dentre outros. Via de regra, em maior ou menor grau, tais atores são influenciados pelo neoliberalismo econômico, político e axiológico, defendendo uma saída do Estado a partir de ações que visam uma desregulamentação da economia. Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é uma racionalidade, um instrumento composto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.

Logo, para Galli (2002), dentro do processo de globalização existem alguns indicadores do fenômeno, como o “Toyotismo”, flexibilidade, *just in time*, cadeias de produção de valor, desconcentração industrial, desindustrialização, que representam, cada um na sua especificidade, elementos importantes que colaboram para o todo global e geram nos lugares efeitos que podem ser positivos ou negativos, como fechamento ou abertura de fábricas ou oportunidades nos diferentes lugares do globo. Com isso, tem-se a globalização também como nova espacialidade, nova movimentação, geradora de contradições internas com a desvalorização dos vetores temporais e das arquiteturas espaciais da política moderna em crise, tais como a democracia representativa liberal e o Estado-nação. Portanto, têm-se os poderes econômicos (sintetizados na expressão “mercado”) se organizando de modo cibernético, com espacialidade em rede a partir de uma lógica sistêmica atuando nas cidades, sobretudo as “globais” dos grandes países ou de relevância regional, as quais representam uma contradição em si mesmas, pois há espaços de ampla circulação de pessoas, serviços, capitais, riqueza e produtos, mas também espaços desiguais, com a formação de bolsões de pobreza, miséria e marginalização. Isto posto, é por meio dessas trocas, dessa interpenetração de espaços, que se realizou, pela primeira vez, na história humana, uma unificação do mundo, que é descentralizado e com muitas periferias; unificado, mas não unitário (GALLI, 2002).

E é nesse mundo global que se notam, por parte das sociedades locais, algumas manifestações e reações que, de certa forma, representam paradoxos e contradições, pois, por um lado, evidenciam a atomização dos indivíduos a partir de um individualismo que

representa liberdade e muitas possibilidades, mas também uma espécie de maldição, pois os indivíduos se veem distanciados também da própria nação e cultura, alienados, vagando livres, inseguros e desorientados. Em consequência, existem reações de pessoas que se escoram nas tradições, numa comunidade (às vezes imaginária) e na etnia (GALLI, 2002).

Quanto ao tempo histórico na era global, pode-se, de início, sintetizá-lo em quatro pontos: 1. A ocorrência da desnacionalização. O processo de restrição, supressão e diminuição da liberdade positiva (do cidadão ativo, participativo, da garantia a segurança geral); e a consequente ampliação, exaltação da liberdade negativa-privada (agir por e para si). Presença de uma narrativa de valorização ao mérito: força, desempenho, criatividade, inventividade, colaboração do indivíduo que constrói a si mesmo. 2. A despoltização, com o desmantelamento e crise de modelo dos atores políticos da modernidade, com a destruição da forma do partido tradicional, da luta de classes, da democracia representativa, de toda mediação. 3. A narrativa do suposto fim da história e da nação. Uma era do eterno presente, do aqui e agora. 4. Da aceleração social, tecnológica, que afeta o modo de pensar e relacionamento em sociedade (AUGÉ, 2012; ERIKSEN, 2016). Ademais, Santos (2017) destaca que a ruptura do tempo provoca a impossibilidade de um diálogo intergeracional, pois as gerações mais antigas colocam-se diante de diálogos cada vez mais tensos com as mais novas, que por sua vez não conseguem estabelecer vínculos com a trajetória familiar, com o que as próprias histórias de vida se atomizam, restando, nesse presente, apenas os vínculos biológicos e jurídicos. Assim, a relação “gerações/trabalho/vida” se monta de maneira mecânica sem produzir maior nível de solidariedade dentro da sociedade.

Traverso (2012) afirma que, em face desses sintomas de crise da modernidade, do “fim das ideologias”, de um “presentismo” sem fim, tem-se como implicação, por parte de alguns grupos sociais e políticos, a reativação do passado e da tradição como parâmetro e idealização para a vida.

Na esteira do que foi exposto, vê-se, doravante, como tais elementos destacados, como passado, memória, nostalgia, idealização encontram-se no discurso populista representando o combustível para uma reação a tudo que está posto na globalização (sobretudo seus efeitos colaterais) do espaço de vida. Em consequência, despontam então a figura do líder, da comunidade dos iguais e “puros” como restauradores de uma ordem perdida.

A TEORIA QUE TRABALHA COM O POPULISMO CONTEMPORÂNEO

Atualmente, alguns dos termos mais correntes e mencionados no mundo acadêmico e nas mídias tradicionais ou digitais são “populismo” e “populista”, que são utilizados indistintamente e estão à esquerda ou direita do espectro político. Entretanto, é objetivo deste trabalho não incorrer em tais atos ou conduta. Isto posto, trabalha-se com o fenômeno do populismo contemporâneo que se coloca politicamente na extremidade direita do espectro político. Metodologicamente, esta seção representa um arcabouço teórico para melhor compreender as etapas ulteriores do trabalho, que estão relacionadas à emergência do populismo contemporâneo nos sistemas de partidos do Brasil e do Uruguai. Para tal, conta-se com as contribuições teóricas de Alfio Mastropaolo (2005; 2008), Marco Tarchi (2015), Dominique Reynié (2013) e Jan-Werner Müller (2017).

O QUE É O QUE REPRESENTA O POPULISMO CONTEMPORÂNEO?

A despeito das dificuldades da empresa, lança-se aqui, a partir das contribuições desses autores, uma síntese a respeito do que vem a ser o populismo contemporâneo. Em regra geral, pode-se afirmar que alguns pontos das análises convergem, sobretudo na compreensão do fenômeno como reação.

Para Müller (2017), o populismo é uma atitude reativa, uma resposta intelectual e emotiva contra o *establishment* político tradicional. Representa também uma contraofensiva e uma reação à política da modernidade e ao desenraizamento gerado pela globalização e o universalismo, ao pluralismo e toda a complexidade da sociedade atual. É um fenômeno, pois, que surge no tempo histórico da antipolítica e se coloca como uma manifestação essencialmente antidemocrática por negar a polifonia de valores existentes na sociedade, o reconhecimento da importância das instituições intermediárias e contestar a importância e a legitimidade das representações políticas. Ainda, tal movimento lança-se como uma ação que visa a implementar um novo pensamento político que tem na sua concepção e ideologia a exaltação do povo, a ênfase no líder e a relação direta entre as partes.

Segundo Reynié (2013), o populismo contemporâneo é uma reação, sobretudo social e popular, à queda no nível e modo de vida e às profundas transformações que desestabilizaram e alteraram o sentido e o significado da sociedade nacional no recorte histórico após 1980-90 (e que implicaram em mudanças sociais). Para ele, o populismo contemporâneo nasce, cresce e se alimenta das diversas crises sociais que, independentemente das suas naturezas e particularidades, são inauditas, impactantes e desestabilizadoras da ordem social.

Para Tarchi (2015) e Mastropaolo (2005), o populismo contemporâneo representa tanto uma mentalidade quanto um estilo político. Mastropaolo (2005; 2008) vê, no fenômeno, um veículo que canaliza o ressentimento popular e representa o divórcio da democracia com a política na busca da restauração de uma comunidade identitária entre iguais e o líder.

Tarchi (2015), por sua vez, afirma que o populismo também pode representar um movimento de massa, uma comunidade com uma forma de mentalidade na qual existe uma estrutura psíquica, uma forma experimental de compreender o mundo, de compreender-se dentro deste através de emoções e experiências coletivas que são canalizadas no intelecto. Assim como Müller (2017), Tarchi (2015) entende que o fenômeno reage a uma série de questões: globalismo, universalismo, politicamente correto, intelectualismo, *establishment* etc. Representando, assim, uma dimensão mesma onipresente e constante da política atual, sobretudo nos países assolados por algum tipo de crise.

LINGUAGEM, INSTRUMENTOS E ALVO DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO

Em geral, existe um consenso entre os autores aqui supracitados de que a emergência do populismo na sociedade e política contemporânea seja efeito da globalização e a toda a pluralidade de fatos que ela envolve ou a que está atrelada. E, acima de tudo, do desgaste dos atores políticos tradicionais, dos partidos e da democracia representativa ao falhar em dar respostas convincentes (e solidarizar-se) aos setores da sociedade que têm sofrido com as constantes mudanças em curso. Dessa forma, o populismo contemporâneo de extrema direita, nas suas várias manifestações na Europa e América, detectou as classes afetadas (baixa e média, assalariada ou proprietária), e vale-se de uma linguagem eficiente, nas mídias tradicionais e, principalmente, nas novas (sobretudo as redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*), para crescer junto a esse eleitorado.

Ao tratar sobre a *Lega Nord* italiana, Tarchi (2015) destaca que, desde o início da agremiação política, faz-se o uso e a ênfase por parte de seus líderes da linguagem simples, clara, violenta e direta. Em seu conteúdo uma mensagem clara, composta de uma retórica anti-intelectual, com a valorização da identidade do regional, local e étnica, da família, do trabalho e do homem simples.

Para Reynié (2013), o populismo contemporâneo se vale de uma nova linguagem política: autorreferencial, monocultural, anti-intelectual, antierudição, simples e direta, agressiva e o ofensiva, vingativa e intolerante, que criou a nova forma de comunicação

política que responde às emoções e paixões imediatas e ao intelecto do indivíduo-atomizado e do cidadão espectador que, desprovidos de reflexão, consciência crítica e histórica, necessitam de novas formas de crenças e certezas, vínculos e raízes. E o populismo representaria, *grosso modo*, uma saída sedutora para setores amplos da sociedade.

Matropaolo (2008), por sua vez, aponta que a linguagem populista é carregada de um discurso antipolítico e fundamentalista, sem preocupação com a pluralidade, que prega a política por cima (sobretudo mirando no líder), despojada dos intermediários tradicionais da democracia (partidos, sindicatos, parlamento, ONG's, setores da sociedade civil) e do Estado de direito. Para ele, o populismo visa fomentar e explorar sentimentos e ações antipolítica, típicas de um plebiscitarismo, tais como relação amigo *x* inimigo.

Müller (2017) aponta para outro elemento importante presente na linguagem e discurso populista, que contribui na corrosão da democracia: quando perdem as eleições, os populistas operam uma distinção, que é fatal para a democracia, entre o resultado eleitoral empírico e o resultado eleitoral moral. A derrota nas urnas significa tanto a vitória das forças *pró-establishment*, que serão capazes de continuar com as ações políticas parasitárias e corruptas, quanto a derrota do “povo verdadeiro e autêntico”. Ademais, coloca sempre em suspeição as instituições responsáveis pelo processo eleitoral, afetando a credibilidade delas e do Estado nacional.

Quanto ao alvo dessa linguagem, seus (possíveis) eleitores, classe social e peculiaridades, Matropaolo (2008) aponta que, mediante a ciência de quais eleitores são atraídos pelos populistas, não será difícil identificar as condições que favoreceram o crescimento populista. Logo, o autor lança um esboço de mapeamento dos eleitores: homens, a geração mais velha, desempregados, jovens em busca de primeiro trabalho, trabalhadores braçais, artesãos, pequenos empresários e trabalhadores agrícolas. Pessoas que, em geral, apresentam nível educacional baixo e demandam políticas públicas específicas para sua realidade.

Ainda tendo o autor como referência, fora o fato de pessoas com baixa escolaridade apresentarem tendência a votar mais em populistas, tem-se que a nova sociedade global, a indústria pós-fordista, flexível, altamente tecnológica, mudou a fisionomia da classe operária (sobretudo de áreas desindustrializadas da Europa ocidental e EUA), fragmentou-a e a reduziu, tornou seu padrão de vida inferior ao das gerações anteriores. Para piorar, os seus tradicionais representantes, os partidos de esquerda, se distanciaram dela por adotarem, no poder, uma nova estratégia eleitoral desapegada de sua base. Logo, isso deu abertura para que

a direita populista, de início *outsider*, explorasse nos dois continentes tal classe desamparada, conhecida pela expressão “perdedores da globalização” (*losers of globalization*) (MASTROPAOLO, 2008). Em consequência, face à incapacidade dos partidos políticos tradicionais, nos últimos tempos, na sociedade capitalista contemporânea, de lançar respostas à altura da dramaticidade das transformações ocorridas, isso possibilitou que a nova extrema direita populista pudesse ocupar esse espaço alcançando um número gradativamente maior de indivíduos afetados pelos efeitos negativos da globalização.

Segundo Müller (2017), os eleitores que votam em partidos populistas não são movidos apenas pela ira, ressentimento, raiva e angústia pela queda do nível de vida. Em cada período histórico, podemos encontrar motivos objetivos que formam a mentalidade populista, bem como o sucesso do discurso populista. Assim sendo, o autor enfatiza que ao lado das preocupações econômicas há também a percepção do eleitor de que o país “está indo ladeira abaixo”. E aqui é que entra a variável da corrupção, o descolamento da realidade e o (suposto) descompromisso do político profissional para com o povo.

Finalmente, é na atual chamada crise da democracia que os partidos populistas de extrema direita têm despontado como alternativa e emergem competitivamente. Seja ocupando cadeiras nos parlamentos nacionais ou regionais (como o europeu) ou até mesmo chegando a ser governo. Alguns têm apresentado continuidade e influenciado o cenário político de outros países e continentes, como os países da América, como se verá.

A EMERGÊNCIA DO POPULISMO “BOLSONARISTA” NO BRASIL

Em 28 de outubro de 2018, no 2º turno das eleições presidenciais, Jair Bolsonaro foi eleito o 38º presidente do Brasil. Isso representou um sem-número de coisas de impacto no universo político e partidário brasileiro: rompeu com a era de hegemonia eleitoral de PSDB (Partido da Social-Democracia Brasileira) - PT (Partido dos Trabalhadores), que durara 26 anos; renovou um pouco mais da metade do Congresso Nacional hiper fragmentado do país; e o que mais interessa aqui, sua vitória representou a adição de um país a mais no rol dos vitoriosos da extrema direita populista. Para tal, Bolsonaro usou (literalmente) um partido nanico para se lançar candidato, o PSL (Partido Social Liberal). Antes disso, foi cortejado por vários outros, todos à direita do espectro político. Venceu as eleições com o discurso e a narrativa do combate à “velha política”, do antipetismo, da antipolítica, *antiestablishment* etc., revivendo a ideia “udenista” de liberal na economia e conservador nos costumes. Promoveu um movimento político que varreu a maior parte dos estados da federação elegendo muitos

deputados, senadores e governadores (muitos neófitos na política) simpáticos ao discurso reacionário vigente, e se colocando na direita e extrema direita do espectro político. Isto posto, intenta-se entender aqui as causas da vitória “bolsonarista” para relacioná-la nesse cenário de fortalecimento do populismo contemporâneo.

Para Pedro Doria (2018), foi uma eleição digital definida pelo *WhatsApp*. Representou uma revolução na forma de fazer campanha política, pois o meio tradicional político acreditava de início que a coligação ampla em torno de Geraldo Alckmin (PDSB), com grande tempo de televisão em propaganda eleitoral, gradativamente viabilizaria sua campanha. Entretanto, a campanha de Alckmin não vingou, e Bolsonaro venceu com uma estratégia de utilização das mídias, sobretudo o *whatsapp* e redes sociais, com uma linguagem rápida, direta, de confronto, incivilizada, um discurso de combate à “velha política” e moralização da política a partir da valorização da família, da religião cristã e de um ideal de Brasil (o *slogan* de campanha era: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”).

Também nesta eleição, recaiu sobre a campanha de Jair Bolsonaro a acusação de que empresários apoiadores utilizaram artifícios eleitorais ilegais contra o Partido dos Trabalhadores a partir de disparos de mensagens (com conteúdo difamatório e de notícias falsas) em massa pelo *WhatsApp* (CAMPOS MELO, 2018), o que teria representado um amplo serviço de desinformação contra o PT e em prol da exaltação da figura de Bolsonaro como o líder “salvador da pátria”, dentro daquilo que, como visto, propunha o populismo.

É importante, também, entender as condições objetivas que possibilitaram que tal narrativa vingasse. Para o *The Economist* (2018), populistas sempre tiram proveito de um conjunto comum de problemas. O Brasil sofre desde 2014 com crises, recessão, desemprego, corrupção e escândalos políticos (lembrar efeitos da Operação Lava Jato que colocou políticos importantes de todos os lados do espectro político na mira da justiça). Ademais, sobre o *establishment* (partidos e classe política tradicional/profissional) recaem, como aponta Reale Júnior (2020), o desencanto e desesperança da população, pois, há uma nítida deterioração das condições de vida/consumo e, sobretudo, da segurança pública. Com isso, a partir de tais fatores, tem-se uma aceitação de um discurso raso e extremo de direita, que defende o endurecimento da repressão ao crime e flexibilização da posse de armas. Isto posto, pode-se afirmar que Bolsonaro explorou essa fúria brilhantemente e soube se valer da onda lava-jatista (em campanha e início de governo ao lançar Sérgio Moro, ex-juiz federal, como Ministro da Justiça e Segurança Pública).

Assim sendo, Reale Júnior (2020) insere a eleição de Bolsonaro como mais um fenômeno do populismo de extrema direita/nacional-populista, que levou ao poder Viktor Orbán, na Hungria; Matteo Salvini e “Beppe” Grillo, na Itália; ao *Brexit* e Boris Johnson, na Inglaterra; e Donald Trump, nos Estados Unidos. Muitos deles lançando mão de técnicas e algoritmos na internet para catapultar suas campanhas. Sobre Trump, é flagrante o mimetismo e alinhamento em matéria de política interna e externa que Bolsonaro reproduz.

No que toca às bases sociais de sustentação do “Bolsonarismo”, Cantanhêde (2018) aponta que, além dos militares (para quem Bolsonaro sempre atuou de forma corporativista no Congresso), chegam ao poder com o presidente os evangélicos. Desde antes das eleições, ele tem se aproximado de várias lideranças evangélicas. Assim, as pautas evangélicas/neopentecostais têm sido, desde o início, uma das bandeiras do governo, criando diversas polêmicas com segmentos da sociedade civil e Congresso.

Ainda no que toca às bases sociais, Nobre (2018) aponta que Bolsonaro construiu uma rede de apoio político e eleitoral baseada na mobilização constante de diferentes segmentos sociais em torno da luta “antissistema” e de uma revolução reacionária. Entretanto, sua base eleitoral começou com a classe média e classe alta (acima de 5 salários, desejosa de segurança e “cansada” da corrupção), e depois seguiu para classe média/baixa (que sentia a deterioração das condições de vida). Para o autor: “Bolsonaro entende a si mesmo como líder de uma revolução conservadora. Não quer mesmo caber nas instituições. Pretende associar às posições de extrema direita que defende tudo o que há de ético e de decente” (NOBRE, 2018, online).

Logo, Nobre (2018) também insere o “Bolsonarismo” dentro de um projeto de pretensões globais de construção de uma “Nova internacional conservadora”. Para ele, o presidente eleito se alinha às novas direitas (e são muitas) a partir de um *modus operandi* comum aos expoentes dessa nova internacional conservadora, marcado pelo enfrentamento e por uma política seletiva visando a atender as demandas de apenas uma parcela da sociedade (sendo a outra parte um potencial inimigo).

A vista disso, para Dutra (2020), o eixo principal do “Bolsonarismo” é a sua “guerra cultural”, a construção de narrativas incessantes de inimigos da pátria e da família, de bodes expiatórios, a serem combatidos e eliminados como método de manutenção do poder. Em suma, o que se tem é uma clara luta entre o “bem x mal”. O bem é claro, representado na figura do líder, Jair Messias Bolsonaro. E o mal, os “inimigos”, identificado nos outros poderes e instituições/arranjos político-institucionais criados a partir da constituição de 1988,

sem contar a imprensa, a universidade pública e a educação (supostamente contaminados pelo esquerdismo/marxismo) e a cultura. Ainda dentro dessa “guerra cultural”, cumpre citar uma das bases do Bolsonarismo: o filósofo Olavo de Carvalho, autoproclamado “parteiro da nova direita do Brasil”. De sua influência, o “Bolsonarismo” herda a ideologia, com destaque ao negacionismo científico, a defesa do politicamente incorreto, o antiglobalismo, o anticomunismo, o antimarxismo, o antipetismo, anti-intelectualismo. Cabe apontar que o “guru” dos “Bolsonaros” foi responsável pelas indicações para importantes ministérios, como os da Educação, Meio Ambiente e Relações Internacionais (MOREIRA, 2019).

Por fim, o governo Bolsonaro tem relação próxima com a bancada BBB (Boi – setor do agronegócio; Bala – dos militares; e Bíblia – setores vinculados à religião) no Congresso. Entretanto, por motivos maiores (pedidos de impeachment), Bolsonaro reaproximou-se politicamente do “centrão”, partidos praticantes da “velha política” fisiológica (condenada nas eleições), incorporando-os no governo. Teve durante a maior parte do tempo uma estratégia de governo de confronto criando polêmicas diárias. Nesse interregno, elegeu a imprensa como o principal alvo de seus ataques nas redes sociais (o Presidente tem contas em todas elas), em que faz transmissões ao vivo (para ter essa relação direta com as pessoas) desde a campanha eleitoral. Conta com uma rede de influenciadores digitais e produtores de material (os vídeos o mitificam como uma pessoa comum, uma liderança idônea, honesta etc., que visa um “novo Brasil”) que alimentam incessantemente as redes.

A EMERGÊNCIA DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO NO URUGUAI

Dentro da América Latina, a República Oriental do Uruguai apresenta uma das democracias mais consolidadas e estáveis da região, assim como o sistema partidário mais institucionalizado e longevo do subcontinente sul-americano, com dois partidos centenários (Nacional/*blanco* e Colorado), uma força com meio século (*Frente Amplio*-FA) e uma fragmentação moderada (com três partidos competitivos e outros com baixa relevância ou acidentais). Entretanto, as últimas eleições de 2019 evidenciaram mutações sociopolíticas em curso e a inserção do populismo contemporâneo no pequeno país.

As eleições de 2019 no Uruguai representaram não só a união de partidos de centro, centro-direita e direita contra o antes hegemônico FA, mas a inserção na cena política de dois partidos com perfis de extrema direita obtendo mais de 12% dos votos. Destaque para o recém-criado partido que conseguiu a maioria, 11% dos votos (que lhe renderam possibilidade de participação na coalizão de governo do partido vencedor, o Nacional, de Luis Lacalle Pou),

o *Cabildo Abierto* do ex-Comandante em chefe do Exército Uruguaio, Guido Manini Ríos. Isto posto, a questão mais óbvia a fazer é: dentro de um país com tal histórico de institucionalização político-partidária, o que explica esse fenômeno?

Para Caetano, Selios e Nieto (2019), as explicações para tal fenômeno passam pela sensação da opinião pública (evidenciada em pesquisa do Latino-barômetro) a respeito da deterioração da qualidade da Democracia Uruguaia. Nos últimos anos, a sensação de progresso e a satisfação com a democracia, as instituições, os atores políticos e os partidos tradicionais têm caído. Do mesmo modo que foi apresentado no “norte” e Brasil, existe uma crise de representatividade em vigência. Logo, segundo a pesquisa aludida, um em cada dez uruguaios prefere um regime não democrático ou autoritário a uma democracia. A resposta para tal preferência pode estar no fato de que, nos últimos anos, no Uruguai, tem havido um crescimento dos números relacionados a roubo/homicídios, gerando, assim, um aumento do sentimento de insegurança pública (além de aumento do desemprego). Isso tem maximizado os efeitos de descontentamento/insatisfação social: “Resulta visible que en el mundo entero se encuentran cada vez más ciudadanos desconformes, desilusionados, cínicos, apáticos, desconfiados de la política” (CAETANO, SELIOS, NIETO, p. 282, 2019). Sendo assim, face à tais condições de incerteza, insegurança, descontentamento e enfraquecimento de representatividade, tem-se buscado no “novo” as soluções (autoritárias) para saída das crises. E aqui no caso uruguaio não foi diferente. Cerca de 12% dos votantes no 1º turno escolheram políticas que vão em contrário ao que propunham os atores tradicionais (CAETANO, SELIOS, NIETO, 2019). 11% escolheram Guido Manini Ríos. Quem é ele e o que defende?

Segundo Vázquez (2019), Guido Manini Ríos (atualmente senador) vem de uma família influente na política uruguaia, com uma tradição colorada, “riverista” (defensora do liberalismo na economia e conservadora nos costumes), católica e proprietária de terras. Ao longo da vida, ascendeu na hierarquia militar e foi nomeado Comandante-Chefe do Exército uruguaio pelo então Presidente José Mujica, no ano de 2015. Tempos depois, foi aposentado pelo ex-presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez, após questionar o Poder Judiciário sobre o procedimento em casos de crimes contra a humanidade pelos ex-militares, no período da ditadura militar.

A partir do que foi exposto, fora os desentendimentos com os poderes da República e prisão a que foi submetido por violar leis e protocolos, Manini Ríos (como Bolsonaro) representa a volta dos militares ao poder (mesmo que no caso uruguaio indiretamente), o questionamento dos supostos crimes da ditadura, uma defesa do armamento da população e,

sobretudo, uma defesa da família tradicional e uma reação a um período de governo da centro-esquerda/esquerda e sua agenda progressista (com aprovação de lei sobre casamento homossexual/igualitário, regulação e liberação da maconha, dentre outras).

Em convergência com o apresentado, Burian (2019) aponta que o Uruguai não escapa aos fatores sistêmicos, globais e regionais acima apresentados. Segundo o autor, a direita que expressa o *Cabildo Abierto* integra, com suas peculiaridades locais, a família dos “neopatriotas” tendo suas raízes na história uruguaia e período militar no século XX, incorporando, de um lado, ideias, discursos e práticas políticas e, de outro, assumindo traços do populismo contemporâneo, com destaque para o “messianismo” de sua liderança (VÁZQUEZ, 2019).

Finalmente, só o futuro dirá se Manini Ríos e o *Cabildo Abierto* serão apenas um episódio inserido na esteira do populismo contemporâneo, no continente. Assim sendo, um fenômeno acidental na história política dos “orientais”, que se valeu de uma conjuntura favorável (a partir do “Trumpismo” e “Bolsonarismo”). Ou, como alude Tarchi (2015), se o movimento formado pelo personagem e seu partido farão parte permanente da cultura política uruguaia. Por hora, a mensagem que fica é o do abalo da estrutura política e partidária do país.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Futuro**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2012.

THE ECONOMIST. A mais recente ameaça da América Latina. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,a-mais-recente-ameaca-da-america-latina,70002511117>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

BURIAN, Camilo López. Crisis de la globalización, nuevas derechas y la partidocracia uruguaya. **Brecha**, Uruguai, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://brecha.com.uy/crisis-de-la-globalizacion-nuevas-derechas-y-la-partidocracia-uruguaya/>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

CAETANO, Geraldo; SELIOS, Lúcia; NIETO, Ernest. Descontentos y “cisnes negros”: las elecciones en Uruguay en 2019. **Araucaria: Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales**, Uruguay, año 21, nº 42, p. 277-311, segundo semestre de 2019. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/araucaria/article/view/10792>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

CAMPOS MELO, Patrícia. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

CANTANHÊDE, Eliane. 'Histeria conservadora'. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 out. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,histeria-conservadora,70002553751>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORIA, Pedro. A eleição definida pelo WhatsApp. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 set. 2018. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,a-eleicao-definida-pelo-whatsapp,70002511840>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

DUTRA, Roberto. Entendendo Bolsonaro: nova base eleitoral expõe contradição da guerra cultural bolsonarista. **UOL**, São Paulo, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/07/28/nova-base-eleitoral-expoe-contradicao-da-guerra-cultural-bolsonarista/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

ERIKSEN, Thomas Hyland. Sobreaquecimento: pequenos lugares e grandes questões na antropologia do século XXI. **Etnográfica** [Online], vol. 20, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/297611683_Sobreaquecimento_pequenos_lugares_e_grandes_questoes_na_antropologia_do_seculo_XXI. Acesso em: 1 de setembro de 2021.

GALLI, Carlo. Espacios políticos. **La edad moderna y la edad global**. Léxico de Política. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

MASTROPAOLO, Alfio. **La mucca pazza della democrazia**: Nuove destre, populisme, antipolitica. Torino: Bollati Boringhieri, 2005.

MASTROPAOLO, Alfio. "Politics against Democracy: Party withdrawal and Populist breakthrough". In.: ALBERTAZZI, Daniele; McDONNELL, Duncan (org.). **Twenty-first Century Populism**. London: Palgrave Macmillan, 2008, p. 30-48.

MOREIRA, João Almeida. O olavismo tomou conta da cultura no Brasil. Mas o que é o olavismo?. **Diário de Notícias**, São Paulo, 08 dez. 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/08-dez-2019/o-olavismo-tomou-conta-da-cultura-no-brasil-mas-o-que-e-o-olavismo-11591056.html>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

MÜLLER, Jan-Werner. **Qu' est-ce que le Populisme?**: Définir enfin le menace. Paris: Folio, 2017.

NOBRE, Marcos. A revolta conservadora. **Revista Piauí**, edição 147, dez. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-revolta-conservadora/>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

REALE JÚNIOR, Miguel. Nacional-populismo. **O Estado de S. Paulo**, 07 mar. 2020. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,nacional-populismo,70003223284>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

REYNIÉ, Dominique. **Le nouveaux Populisme**. Paris: Pluriel, 2013.

SANTOS, James Washington Alves dos. Trabalho religioso e mercado religioso no meio pentecostal. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 03, ed. especial, dez., p. 01-17, 2017. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/451/279>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

TARCHI, Marco. **Italia populista**. Dal qualunquismo a Beppe Grillo. Bologna: Il Mulino, 2015.

TRAVERSO, Enzo. **La historia como campo de batalla**: Interpretar las violencias del siglo XX. 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

VÁZQUEZ, Mauricio. A extrema direita decolando no Uruguai. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Uruguai, 18 out. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-extrema-direita-decolando-no-uruguai/>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.